

## A Macro e a Microestrutura do Glossário Terminológico da Aromaterapia (Glotear)

### Macro and Micro Structure of the Terminological Glossary of Aromatherapy (Glotear)

Neide Munhoz Albano<sup>a\*</sup>

#### Resumo

Este trabalho busca apresentar e discutir os resultados da pesquisa realizada sobre o vocabulário da Aromaterapia, tendo como objetivos organizar um glossário terminológico da área em pauta - de acordo com as teorias da TCT (Teoria Comunicativa da Terminologia) e elucidar o processo de construção da macro e microestrutura do glossário propriamente dito.

**Palavras-chave:** Glossário terminológico. Aromaterapia. Macro e microestrutura.

#### Abstract

*This essay aims to present and discuss the results on a research on Aromatherapy vocabulary - which had as main objectives the organization of a glossary in the mentioned area - according to the Communicative Theory of Terminology, and as well clarifying the elaboration process of the macro and microstructure of the glossary itself.*

**Keywords:** Terminological glossary. Aromatherapy. Macro and micro structure.

<sup>a</sup> Doutoranda em Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Londrina (UEL). E-mail: neidealbano@hotmail.com.

\* Endereço para correspondência: Rua: José Domingos de Oliveira, 639. Jardim Alpes – CEP: 86075-030. Londrina-PR.

#### 1 Introdução

A discussão em pauta remete ao trabalho de doutorado em que se compilaram os termos da Aromaterapia, no intuito de construir um glossário terminológico destinado a leigos, pesquisadores, estudantes e aromaterapeutas.

A necessidade de descrever a linguagem especializada da Aromaterapia foi manifestada no século XX pelo químico francês René Maurice de Gatefossé que, acidentalmente, descobriu as propriedades terapêuticas dos óleos essenciais. Conforme relata a pesquisadora e aromaterapeuta Maxwell-Hudson (2000), em 1928, durante pesquisas, Gatefossé queimou o braço enquanto trabalhava em seu laboratório e, instintivamente mergulhou-o em solução que estava disponível em um recipiente. O líquido era óleo essencial de Lavanda e Gatefossé conseguiu, não somente que a dor fosse aliviada, mas também percebeu que a queimadura cicatrizou rapidamente, impedindo possível infecção. Por consequência, o pesquisador dedicou-se à pesquisa sobre os óleos essenciais e sua aplicação terapêutica, nesta nova ciência a qual decide denominar *Aromaterapia*. Outros pesquisadores “seguiram seus passos” com a finalidade de alargar e consolidar suas descobertas iniciais, tornando-as disponíveis e atualizando a antiga arte de cura.

A criação de um produto terminológico, no formato de glossário referente à área especializada da Aromaterapia, apresenta-se como atividade de valor social, pelo fato de contribuir para solucionar problemas de informação e comunicação. Para Krieger e Finato (2004) o produto deve

atender às necessidades de um público-alvo e de preferência preencher uma lacuna de informação.

Tal prática é, reconhecidamente, a aplicação mais evidente da Terminologia. Não é, todavia, a única. Além do valor ímpar do fazer dicionarístico técnico-científico, há, ao mesmo tempo, a possibilidade de reflexão teórica da disciplina sobre todo o material obtido, pesquisado e formatado em glossário.

Desta forma, para o terminólogo, o conjunto de termos próprios de um dado domínio (terminologia) constitui objeto de análise e de produção (científica), matéria-prima para elaboração de obras terminográficas. Para os usuários, sejam eles especialistas ou não do domínio ao qual pertence o conjunto terminológico estudado, esse conjunto de termos é elemento precioso para a comunicação em âmbito profissional ou em situações particulares.

Atualmente, com o advento das terapias holísticas, a Aromaterapia conquistou lugar como ciência, preocupada com o bem-estar do homem como um todo: corpo, mente e espírito. Assim, é no domínio da linguagem de especialidade da Aromaterapia e da comunicação de especialidade que se insere esta pesquisa.

#### 2 As Teorias que Sustentam a Terminologia

Para alguns autores, entre eles os da Escola Germano-Austríaca, a Terminologia subdivide-se em *Terminologia prescritiva* e *Terminologia descritiva*. De acordo com Felber (1984, p. 13) a Terminologia descritiva é o registro de dados terminológicos de conceitos isolados em uma ou mais línguas simultaneamente, citando-se as fontes necessárias sempre que possível. Esse tipo de trabalho, realizado por muitos bancos de dados e instituições terminológicas, pode ser chamado, no

sentido restrito da palavra, de documentação terminográfica e o resultado são os dicionários.

A Terminologia prescritiva, conforme o autor citado, atende a exigência de padronização que visa a comunicação sem ambiguidade, pois um termo deve expressar apenas um conceito e vice-versa. Por isso, a polissemia (o mesmo termo para diversos conceitos) e a sinonímia (diversos termos para um único conceito) devem ser evitadas.

Estas duas vertentes metodológicas dos estudos terminológicos foram defendidas por diferentes pesquisadores nas chamadas “Escolas de Terminologia”, entre elas a de Viena, Moscou, Quebec, bem como pelo grupo de Barcelona, que opõem posições prescritivas a enfoques variacionistas e comunicativos (SILVA, 2007, p.76).

O objetivo principal do grupo de pesquisadores de Barcelona era elaborar a teoria terminológica preocupada com o fenômeno comunicativo das línguas de especialidades. Entre os enfoques variacionistas e comunicativos destaca-se a Teoria Comunicativa da Terminologia (doravante TCT). A TCT nasceu das discussões e reavaliações das propostas teóricas existentes até o início dos anos 90. A principal teoria analisada e criticada pela TCT foi a Teoria Geral da Terminologia (TGT).

Muitos foram os aspectos da TGT discutidos e analisados. Entre eles destacaram-se as concepções de “termo”, de “variação”, bem como a própria compreensão do que é, de fato, “língua de especialidade”. Estes aspectos foram questionados e apresentaram-se novas diretrizes para seus conceitos e análise. No decorrer do amadurecimento da TCT, pôde-se observar também que se chegou a uma compreensão diferente do que se propunha no início da década de 90, sobretudo com relação ao termo.

Esta teoria, denominada de Teoria Comunicativa da Terminologia (conhecida como TCT) contempla a variação linguística em toda sua dimensão, além de estipular que tanto o conhecimento especializado, quanto os textos especializados, como as unidades terminológicas podem ocorrer em diferentes níveis de especialização e serem descritas em diferentes níveis de representação. Só assim, a terminologia do desejo passa a ser a terminologia da realidade (CABRÉ, 1999, p. 126).

Entre os pressupostos básicos da TCT, Bevilacqua (2004, p. 122) menciona os seguintes:

- É uma perspectiva linguística que incorpora, além de uma teoria da língua, uma teoria do conhecimento e uma teoria da comunicação;
- Concebe a língua como um sistema que inclui gramática, semântica e pragmática;
- Considera os textos ou os discursos especializados como base da comunicação especializada e, portanto, estes discursos fazem parte da língua natural [...];
- Considera o texto como âmbito natural das Unidades de Significação Especializada, o que permite uma descrição mais ampla das unidades terminológicas bem como de outras unidades de significação especializada;

- Considera as Unidades de Significação Especializada como unidades que são ao mesmo tempo linguísticas, cognitivas e comunicativas;
- Considera que as Unidades de Significação Especializada são, em princípio, unidades léxicas que fazem parte do léxico do falante e que adquirem valor de acordo com seu uso em determinado âmbito especializado; e
- Admite a variação conceptual e denominativa das Unidades Terminológicas, levando em conta a dimensão comunicativa e discursiva dessas unidades.

Cabré (1998, p. 38) propõe, ainda, a integração de outros elementos para uma nova proposta teórica para os estudos terminológicos, entre eles:

o fato de o termo ou unidade terminológica poder ser estudada sob diferentes perspectivas (social, linguística e cognitiva); o reconhecimento do termo como pertencente a uma língua natural e não a um sistema artificial; a aceitação da variação como fenômeno normal e inerente à linguagem, devendo ser adequadamente descrita em Terminologia e ainda a verificação de que as mudanças sócio-culturais e linguísticas de uma comunidade influenciam nos conceitos.

### 3 A Aromaterapia

A Aromaterapia é uma terapia verdadeiramente holística que considera a mente, o corpo e o espírito do indivíduo em busca de ajuda, bem como seu estilo de vida, seu padrão alimentar, seus relacionamentos, entre outros, conforme destaca Worwood (1995).

Ainda conforme a autora, embora o termo Aromaterapia tenha sido empregado pela primeira vez no séc. XX, para descrever o uso de óleos essenciais extraídos de plantas como forma de tratamento, os princípios em que se baseia remontam a tempos muito antigos. Suas raízes estão fincadas nas mais ancestrais práticas curativas da humanidade, uma vez que as plantas das quais hoje se extraem os óleos essenciais foram empregadas por milhares de anos antes que a técnica da destilação de óleos fosse descoberta.

O significado do termo Aromaterapia descreve basicamente a arte e a ciência do uso de óleos essenciais de plantas em tratamentos. Arte, pois a sinergia de óleos depende da intuição, conhecimento e sensibilidade do Aromaterapeuta. A combinação de aromas, levando-se em conta suas notas altas, intermediárias e baixas, revela os princípios básicos de harmonização presentes também nas cores e na música.

A combinação de aromas é muito mais que a soma das partes: cada óleo possui uma composição química particular que, quando em contato com outros óleos, tem suas características intensificadas tornando o processo de cura mais intenso e rápido.

As raízes da Aromaterapia podem ser delimitadas num período demarcado cerca de mais de 3.500 a.C., quando os primeiros aromas tiveram sua presença registrada na história da humanidade. Na realidade, a história da Aromaterapia está inexoravelmente ligada ao desenvolvimento da medicina aromática, que, no seu primórdio, estava aliada à religião, ao

misticismo à magia (MAXWELL-HUDSON, 2000).

Quando os galhos de alguns arbustos ou árvores eram lançados ao fogo – de início com o único propósito de acrescentar combustível – a fumaça e os aromas que expeliam tornavam as pessoas sonolentas, alegres, excitadas, dando origem a experiências místicas. Se a mesma sensação atingisse todas as pessoas ao redor da fogueira e o mesmo fenômeno fosse verificado da próxima vez que se queimassem alguns galhos do mesmo arbusto, estes seriam reconhecidos como responsáveis pela produção de tal efeito e, possivelmente, considerados *mágicos*.

Já para Kerr (1982) a defumação pode ser vista como a raiz, a *pré-história* da Aromaterapia e da Perfumaria. Etimologicamente, a palavra perfume provém do Latim *per fumum*, que significa *através do fumo*. Portanto, a defumação consiste no mais antigo costume de empregar substâncias aromáticas para harmonizar distúrbios internos ou externos, seja de pessoas ou de ambientes.

Maxwell-Hudson (2000) acrescenta que os óleos aromáticos são usados na fitoterapia chinesa há milhares de anos. A autora data de 200 a.C., a redação de *O Grande Herbário* por Shen Nong, autor lendário que compilou 365 nomes de plantas medicinais. Entretanto, Tisserand e Jünemann (1999), declaram que aparelhos de destilação têm sido usados desde os anos de 1500-1000 a.C., tanto na Índia quanto na China.

Maxweel-Hudson (2000, p. 10), todavia registra em sua obra:

[...] Uma destilaria foi encontrada no sopé do Himalaia, indicando que a destilação de óleos essenciais já era praticada em 3000 a.C. na região asiática. Portanto, pode-se concluir que tal prática tem acompanhado o homem desde tempos muito antigos estando, de alguma maneira, ligada ao prazer da inalação de certos aromas e à cura que as fragrâncias proporcionam por estarem diretamente ligadas ao sistema límbico controlador das emoções.

#### 4 A Estrutura de um Glossário Terminológico

Frubel (2006, p. 62) explica:

Conforme os preceitos teóricos estabelecidos pela Lexicografia e que são aplicáveis também à Terminografia, a arquitetura de um dicionário ou de um glossário compreende uma macroestrutura e uma microestrutura. A macroestrutura compõe-se da nomenclatura selecionada, ou seja, a organização das entradas, o número de entradas e as partes complementares, parte introdutória e anexos. A microestrutura corresponde à estrutura interna do verbete, ou seja, ao conjunto de informações contidas nos verbetes.

A parte introdutória de glossário ou dicionário deve apresentar prólogo ou prefácio onde se expõe a finalidade da obra, o público a quem o produto terminológico é destinado, as fontes utilizadas, a teoria terminográfica adotada, entre outras. A introdução propriamente dita deve oferecer aos usuários do glossário ou qualquer outro produto terminográfico ou

lexicográfico, instruções e explicações sobre o uso, tais como a estrutura dos verbetes, siglas e abreviaturas utilizadas para explicação e caracterização dos vocábulos registrados.

Com relação ao processo de elaboração de um dicionário ou glossário terminológico ou lexicográfico, pode-se dizer que se trata de trabalho lento e que demanda grande volume de pesquisa textual prévia, ou seja, um trabalho de grande responsabilidade para terminólogos e lexicógrafos encarregados de sua produção.

Nesse sentido, Krieger e Finatto (2004, p. 127) comentam que:

Infelizmente, a maioria dos usuários não chega a perceber a gama de fatores e de responsabilidades envolvidos nesse tipo de trabalho. Há, inclusive, quem pense que a composição de um dicionário “técnico” poderia dispensar qualquer reflexão de cunho linguístico. Ao longo do seu processo de composição, será necessária uma contínua revisão da nomenclatura que irá, por fim, constituir o conteúdo principal do produto pretendido.

A arquitetura de um dicionário, no que diz respeito a sua macro e microestrutura, baseia-se nos mesmos preceitos teóricos extensivos tanto à Lexicografia quanto à Terminologia. A macroestrutura compreende a nomenclatura selecionada, ou seja, a organização das entradas, o número de entradas e as partes complementares, parte introdutória e anexos. A microestrutura corresponde à organização interna dos verbetes, ou seja, ao conjunto de informações contidas nos verbetes.

#### 4.1 Noções de macroestrutura

Biderman (1999, p. 131) esclarece que a extensão da nomenclatura de um dicionário é o primeiro problema enfrentado por lexicógrafos e terminógrafos, além da definição, a priori, do público a que tal obra se destina. Veja-se:

O primeiro problema que se põe na elaboração de um dicionário é a extensão da sua nomenclatura e/ou macroestrutura. O tamanho desse índice de palavras é fator de algumas coordenadas: em primeiro lugar, o público a que se destina. Tal será o destinatário desejado, tal o numerário. [...] O modelo padrão de dicionário pode abrigar de 50.000 a 70.000 palavras-entrada.

Barros (2004, p. 151), esclarece que:

Por *macroestrutura* entende-se a organização interna de uma obra lexicográfica ou terminográfica. Esse tipo de organização está relacionado às características gerais do repertório, ou seja, à estruturação das informações em verbetes (que podem se suceder vertical e/ou horizontalmente), à presença ou não de anexos, índices remissivos, ilustrações, setores temáticos, mapa conceptual e outros.

Em geral, todos os dicionários apresentam logo nas primeiras páginas uma introdução, texto fundamental que expõe ao leitor as características da obra, os critérios adotados para sua elaboração, seu público-alvo, seus objetivos, informações básicas sobre o domínio especializado cuja

terminologia é tratada na obra.

Frübel (2006, p. 64) acrescenta que:

quanto à ordem das entradas, no que se refere às formas de organização das entradas de uma obra lexicográfica, tradicionalmente utiliza-se, principalmente nos dicionários gerais, a ordem alfabética. Porém, podem ser utilizadas também a ordem alfabética inversa, as famílias de palavras, ou o campo conceitual.

Barros (2004, p. 152), coloca que:

[...] A ordem pode ser alfabética contínua e descontínua. Na ordem alfabética contínua, a sequência não leva em conta os espaços em branco, nem os caracteres não-alfabéticos ou sinais diacríticos, tais como apóstrofo, hífen, cedilha, til, acentos diferenciais e outros. Já na ordem alfabética descontínua o espaço em branco precede sinais como apóstrofo, dois pontos, etc. Assim, na ordem contínua ignora-se a presença de apóstrofo e hífen; na ordem descontínua apóstrofo e hífen têm precedência no que diz respeito à letra.

Krieger e Finatto (2004) entendem que a organização dos verbetes pode ocorrer em ordem temática e subtemática, refletindo a estruturação conceitual de um domínio concebida pelo especialista da área, ou, então, podem ser apresentados em ordem alfabética o que é mais comum.

#### 4.2 Noções de microestrutura

Por *microestrutura* entende-se o conjunto de informações acerca de um dado lema, incluindo o próprio lema, a informação gramatical sobre esse lema, os equivalentes em Inglês, Francês e Espanhol, a definição e os contextos reais de uso, as possíveis variações terminológicas, as informações enciclopédicas, e UTs que possuam relações semânticas com o lema, como hiperônimos e hipônimos.

Conforme Barros (2004, p. 156):

[...] a microestrutura compreende a organização dos dados contidos no verbete, ou melhor, o programa de informações sobre a entrada disposto no verbete. Três elementos devem ser levados em consideração, quando da distribuição dos dados na microestrutura:

- a) o número de informações transmitidas pelo enunciado lexicográfico/terminográfico;
- b) a constância do programa de informações em todos os verbetes dentro de uma mesma obra;
- c) a ordem de sequência dessas informações.

Para Almeida (2006) cada verbete contém informações sistemáticas (obrigatórias em todos os verbetes) e não sistemáticas (informações não-recorrentes).

As sistemáticas podem ser, por exemplo:

- Entrada;
- Classe morfológica, seguida do gênero, para os substantivos, e da transitividade, no caso de verbos;
- Equivalência em língua estrangeira se for o caso;
- Definição (pode haver casos de polissemia, em que um mesmo verbete poderá conter duas ou mais definições; nesse caso, elas aparecerão numeradas);
- Contexto;

- Remissivas, simbolizadas por “Cf.” (=conferir), que farão referência aos termos constantes da definição (unitermos) e, sempre que for possível, a outro (s) termo (s) afim (ns), ou seja, que mantenha (m) alguma relação semântica com o termo entrada: relação de equivalência semântica, antonímia, hiperonímia, co-hiponímia e termo (s) complementar (es).

As informações não-sistemáticas dizem respeito a:

- Informações enciclopédicas;
- Sinônimos: item importante, em se tratando de uma terminologia descritiva que prevê uma variação denominativa. Dentre as formas sinônimas, a apresentação da definição deve vir junto ao termo de uso mais difundido, com remissões para as demais formas, ainda que o termo mais difundido não seja o termo normalizado.

Como a variação conceitual deve ser considerada no âmbito da TCT, deve-se prever um tratamento terminográfico para os casos de homonímia e polissemia.

Para os casos de homonímia, as entradas devem ser separadas e numeradas, já que há dissimilaridade semântica, ou seja, as unidades pertencem a campos léxicos diferentes. Para os casos de polissemia, o termo deve encabeçar o verbete e, dentro dele, as definições devem vir enumeradas, pois cada definição representa um conceito.

#### 5 A Macroestrutura do Glossário Terminológico da Aromaterapia (GLOTEAR)

A macroestrutura do glossário terminológico da Aromaterapia apresenta a seguinte ordem e formatação, a saber:

##### 5.1 Nomenclatura

A nomenclatura é composta pelo termo-entrada em português, organizados em ordem alfabética. Após o termo-entrada consta o nome científico da planta que deu origem ao óleo, em Latim. Em seguida, na mesma linha, as referências gramaticais do termo. O termo-entrada é apresentado na forma lematizada, isto é, substantivo masculino singular e substantivo feminino singular e adjetivos. Já na segunda linha aparecem os equivalentes, respectivamente: Inglês, Francês e Espanhol. A definição, informação enciclopédica e contexto vêm a seguir, quando tratar-se do termo mais difundido, acompanhado de suas variações.

##### 5.2 Equivalências

Logo após a nomenclatura, dispuseram-se as equivalências como se segue:

Inglês → Português  
Francês → Português  
Espanhol → Português

Essa parte do glossário poderá ser um relevante material de pesquisa, sobretudo a estudantes de Aromaterapia como disciplina de cursos de graduação ou pós-graduação de áreas relacionadas como Farmácia e Agronomia. Esses possíveis usuários, dada sua condição de aprendizes de uma matéria, necessitam saber

os nomes dos principais óleos utilizados na Aromaterapia, assim como seus respectivos equivalentes nas três principais línguas mencionadas, uma vez que grande parte da literatura de apoio acerca de óleos essenciais está difundida nesses idiomas.

## 6 A Microestrutura do Glossário Terminológico da Aromaterapia (GLOTEAR)

A microestrutura que se propõe para o Glossário Terminológico da Aromaterapia (GLOTEAR) apresenta a seguinte forma:

### 6.1 Termo-entrada

A UT que figura como entrada é apresentada em sua forma de lema, isto é, masculino ou feminino singular. No caso deste protótipo de glossário que ora se elabora, tratou-se de substantivos e sintagmas nominais, além de adjetivos (campo semântico Terapêutico).

Os termos-entrada do glossário foram organizados em ordem alfabética, e foram submetidos à seguinte organização: entrada [obrigatória]; referências gramaticais [obrigatória]; nome científico da planta em Latim (para os óleos essenciais e óleos carreadores); equivalências em inglês, francês e espanhol (obrigatória); sigla [opcional]; definição [obrigatória]; informação enciclopédica [opcional]; abonações [obrigatória]; variação [opcional]; fonte de recolha do termo [obrigatória].

### 6.2 Referências gramaticais

As referências gramaticais aparecem logo em seguida ao lema, em letra minúscula. Os substantivos masculinos são assinalados em “s.m.” os femininos por “s.f.” e os adjetivos em “adj.”

### 6.3 As equivalências

Com relação às equivalências, as mesmas aparecem após as referências gramaticais, com a indicação do idioma entre colchetes, da seguinte forma: [ing] para inglês; [fran] para francês e [esp] para espanhol.

Categoria	Propriedade	Características	Tipo de Característica
Nível de Abstração	Concretude	concretude	essencial
Composição	Essência	variedade de substância vegetal	essencial
Composição	substância volátil, líquida a temperatura ambiente	carbono, hidrogênio e oxigênio	essencial
Cor	variando de transparente, verde, amarelo, azul, a marrom-avermelhado	transparente, verde, amarelo, azul e marrom-avermelhado	não essencial
Composição	substâncias odoríferas	moléculas químicas responsáveis pelo odor	essencial
Forma	viscoso; líquido a temperatura ordinária; sólido (os provenientes de resina), quando em temperatura mais quentes	volaticidade	essencial
Uso	perfumaria, medicina, culinária e indústria de alimentos	inalação, ingestão, preparação de pratos (cozinha), adição a bases na perfumaria e componente de perfumes	essencial
Meio	substâncias oloríferas e substâncias vegetais terapêuticas	substâncias odoríferas e vegetais que promovem cura e aroma	essencial
Função	usado para perfumar, usado para curar	Usado para perfumar, usado para curar	essencial

Quadro 1: Esquema (conforme ISO 704-2000) dos traços do conceito óleo essencial

## 6.4 As definições

As definições configuram informações relacionadas à Aromaterapia. Na sua estrutura, apresentam um termo genérico e as características que individualizam o termo definido. Foram redigidas de maneira simples, de forma curta, utilizando-se sempre palavras que constam nos dicionários consultados e nos contextos pesquisados, visando sempre ao usuário não especializado, estudantes e aromaterapeutas.

Conforme Lara (2005), a definição, permite, dentre as inúmeras possibilidades de organização, a determinação do campo de interpretação do termo e sua inserção em um campo temático.

## 6.5 Método de definição

A partir da leitura dos *corpora*, redigiu-se, então, o texto da definição e o texto da informação enciclopédica. Ambos são tratados de modo diferente, pois a definição é um campo obrigatório da ficha terminológica e do verbete, enquanto a I.E., não. A definição deve seguir padrões terminológicos já pré-estabelecidos, não ocorrendo o mesmo com a I.E.

A tarefa da redação da DT (definição terminológica) é das mais difíceis numa pesquisa terminográfica, uma vez que o terminólogo precisa dominar uma série de conhecimentos e habilidades. Primeiramente, é necessário que o pesquisador conheça a área-objeto para a qual elabora o glossário ou dicionário.

Para além das questões textuais e linguísticas, um fator extremamente relevante é a seleção dos traços (ou características) dos conceitos cujos termos definiram-se.

Análise preliminar do conceito: óleo essencial:

Objeto	Conceito	Designação (termo)
(Representação Visual)	Abstração baseada num conjunto de óleos	Óleo Essencial

Veja os traços relevantes para óleo essencial, no quadro abaixo:

## 6.6 Informação enciclopédica

As informações enciclopédicas foram redigidas com o intuito de informar melhor o usuário em relação aos referentes, apresentando aspectos relevantes do termo e, conseqüentemente, melhorando sua compreensão do mesmo.

## 6.7 As abonações

Para cada termo registrado no GLOTEAR transcreveu-se, na íntegra, o contexto encontrado nos *corpora* pesquisados, de forma a facilitar aos consulentes do glossário, o entendimento do termo em questão.

## 6.8 Formas variantes

Essas unidades variantes apresentam-se de forma abundante no glossário e estão registradas como **Var.**, em cada verbete que apresenta variantes populares. A remissão é feita, assim, para cada variante indicada. Ao final do registro de cada variante encontramos a indicação “**Ver**”, encaminhando o usuário do glossário para a forma mais difundida, a qual foi devidamente descrita conceitualmente. No caso das variantes que constam como entrada há uma indicação **Ver**, remetendo ao termo mais difundido. Veja-se um verbete já pronto com as variações e devidas remissões:

**Absinto, óleo essencial de.** (*Artemisia absinthium* L.) *s.m.*  
wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

Óleo essencial extraído por destilação das flores e folhas, de propriedade terapêutica carminativa, diurética, vermífuga e abortiva.

**Inf. Encl.:** Na Grécia Antiga esta planta era dedicada a Ártemis, deusa da fecundidade e da caça. As propriedades aperitivas (estimulante do apetite), vermífugas e estomacais explicam o uso da planta no preparo do vermute e do licor de absinto.

“[...] O óleo essencial, sobretudo a tujona, é tóxico. As bebidas alcoólicas à base da planta são consideradas nocivas à saúde.”<sup>1</sup>

**Var.:** losna, losma

Observem-se as variantes do termo *absinto*:

**losma, óleo essencial de.** (*Artemisia absinthium* L.) *s.m.*  
wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

**Ver: absinto, óleo essencial de.** (*Artemisia absinthium* L.)

**losna, óleo essencial de.** (*Artemisia absinthium* L.) *s.m.*  
wormwood [ing]; absinthe [fran]; ajenjo [esp]

**Ver: absinto, óleo essencial de.** (*Artemisia absinthium* L.)

## 7 Conclusão

O processo de construção de um glossário terminológico constitui-se numa das tarefas mais árduas dentro dos estudos terminológicos. Sendo assim, as reflexões e considerações que se desenvolveram durante este trabalho poderão, em algum momento, ser retomadas e dar margens a novos

questionamentos e reflexões, originando novas pesquisas.

Partindo-se do pressuposto que todo trabalho de pesquisa deva apresentar um produto prático, de utilidade geral, o Glossário Terminológico da Aromaterapia, cumpre com esse requisito e poderá também vir a ser um instrumento de reflexões sobre a Lexicografia no Brasil, seja ela de cunho especializado, seja voltada ao uso comum da língua.

## Referências

ALMEIDA, G.M.B. A teoria comunicativa da terminologia e sua prática. *Alfa*, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 85-101, 2006.

BARROS, L.A. *Curso básico de terminologia*. São Paulo: Edusp, 2004.

BEVILACQUA, C.R. Unidades fraseológicas e terminológicas em dicionários bilíngües gerais. In: ISQUIERDO, A.N.; KRIEGER, M.G. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2004. v. 2.

BIDERMAN, M.T.C. Conceito lingüístico de palavra. In: BASÍLIO, M. (Org.). *Palavra*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

CABRÉ, M.T. *et al.* La terminología hoy: replanteamiento o diversificación. *Organon*, Porto Alegre, v.12, n.26, p.33-41, 1998.

CABRÉ, M.T. *La terminología: representación y comunicación*. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: IULA-UPF, 1999.

DAVIS, P. *Aromaterapia*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FAUSTICH, E. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 58, n. 2, abr./jun. 2006.

\_\_\_\_\_. Entre a sincronia e a diacronia: variação terminológica no código e na língua. In: VI SIMPÓSIO DA REDE IBEROAMERICANA DE TERMINOLOGIA, 6., Havana, 1998. *Anais...* Havana: RITERM, 1998.

FELBER, H. *Manuel de terminologie*. Paris: Unesco/InfoTerm, 1984.

FLORIDO, J. *O Segredo das ervas*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

FRUBEL, A.C.M. *Glossário de neologismos terminológicos da saúde humana: uma contribuição para a descrição do léxico corrente do português do Brasil*. 2006. Tese. (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo.

KERR, R.W. *Herbalismo: o uso das ervas através dos tempos*. Rio de Janeiro: Renes, 1982.

KRIEGER, M.G.; FINATTO, M.J.B. *Introdução à terminologia teoria & prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

LARA, M.L.G. *Elementos de terminologia*. São Paulo: USP, 2005.

MAXWELL-HUDSON, C. *Aromaterapia & Massagem*. São Paulo: Vitória Régia, 2000.

SILVA, O.L. *Das ciências do léxico ao léxico nas ciências: uma proposta de dicionário português-espanhol de Economia Monetária*. 2007. Tese. (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo.

TISSERRAND, M.; JÜNEMANN, M. *A magia e o poder da lavanda: seus segredos e aplicações*. São Paulo: Madras, 1999.

WORWOOD, S. *Aromaterapia: um guia de A a Z para uso terapêutico dos óleos essenciais*. São Paulo: Best Seller, 1995.

1 Disponível no endereço eletrônico: [www.plantamed.com.br](http://www.plantamed.com.br).